

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### SISTEMA DE PODER NO CANDOMBLÉ COM O SINCRETISMO DA RELIGIOSIDADE AMAZÔNICA

*SANTOS, Denilson Marques dos.*<sup>1</sup>  
*COSTA, Maria Cecília Fagundes da.*<sup>2</sup>  
*SANTOS, Denise Marques dos.*<sup>3</sup>

#### 1. LINHAS INTRODUTÓRIAS

Vindos da África, chegaram os negros na segunda metade do século XIX ao Brasil reunindo diferentes etnias e credos religiosos por meio do tráfico flúente e com eles chegou também uma das religiões afro-brasileiras, mais conhecida como Candomblé que se origina do termo “*Kamdombile*” que significa “Culto e Oração”, bem diferente da imagem errônea que algumas pessoas ainda têm dela nos dias de hoje. Uma outra significação encontrada nas pesquisas bibliográficas vêm dos termos: Kam (Casa) – Domb (de) – Ilê (Tambor) → Casa de Tambor (MINTZ; PRICE, 2003, p. 15).

Este modelo de religião encontrou no Brasil facilidade em disseminar seu processo religioso, trazendo na essência sua história, costumes e cultura material trazidos da África com a finalidade de realizar uma aliança com o Sagrado em terras brasileiras. Dentro do Candomblé as atividades são parcialmente equilibradas entre homens e mulheres, onde os conhecimentos foram transmitidos oralmente e acompanhados na prática com seus rituais. Como pesquisadores, observamos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA/PPGCR); Pedagogo, Universidade Estácio de Sá (UNESA); Professor na SEDUC-PA e SEMED-Ananindeua (Estudos de Religião e Filosofia); Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória / ARTEMI/UEPA/DFCS; E-mail: dede\_cecilia@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Especialista em Políticas e Direitos da Criança, Adolescente e Juventude (Grupo Educacional YADAIM OVDOT/DF); Graduada em Serviço Social (Universidade Anhanguera/UNIDERP-Interativa); Integrante do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Direitos Humanos (PPGCSA/Univ. Anhanguera); E-mail: cecilia8775@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Graduada em Direito (Faculdade Cosmopolita/Polo Tavares Bastos-Belém (PA)); MBA em Gestão e Recursos Humanos (Instituto Carreira); Integrante do Grupo de Pesquisa Filosofia Prática: Política, Ética e Direito (FilPED) / UFPA/IFCH-FAFil. E-mail: dede\_lana@hotmail.com

que há um vasto material publicado que nos dão embasamento para o entendimento desta religião trazida da África através dos navios negreiros (tumbeiros) na época do período colonial brasileiro. Oliveira (2003) declara que: A instituição do candomblé, centenária e fortalecida, polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, a hierárquica, a ética, a moral, tradicional verbal e não-verbal, o lúdico e tudo, enfim, que o espaço da defesa conseguiu manter e preservar da cultura africana através do sincretismo religioso no Brasil.

Neste trabalho pretendemos dar arcabouço teórico para que outros profissionais interessados no tema possam conhecer um pouco mais sobre o Candomblé e entender como os cultos africanos tomaram na América uma feição de acordo com a composição étnica das populações negras e com o valor cultural dos escravos reunidos em cada região aonde poderão se disseminar em terras brasileiras.

## **2. INICIAÇÃO: UMA PASSAGEM ÉTICA E MORAL**

Para a sustentação social e religiosa do candomblé, independentemente do modelo da nação, torna-se imprescindível um renovado fluxo de iniciados (noviços) para garantir a continuidade do axé, ou seja, do conjunto de providências que fazem parte da vida religiosa e do terreiro.

O compromisso estabelecido na iniciação é irreparável. Uma vez passando pelos ritos iniciativos, jamais poderá voltar. Esta entrada é o início de tantos compromissos, o noviço geralmente é alertado para seus futuros encargos, de modo que, conscientemente, se faça a passagem da vida não religiosa para o âmbito do axé (LODY, 1987, p. 27).

Em alguns casos, a iniciação pode dever-se a necessidades sociais, a cura de doenças ou mesmo ao desejo de acesso aos segredos mantenedores da religião. Ser noviço é um estágio duro e, diria até, cruel. São muitas as provas em qual o iniciado deve passar, exigindo uma quase vocação para a vida religiosa.

As condições em que se processam as passagens irão variar de acordo com os modelos das nações de candomblé. Certos terreiros suavizam os preceitos, enquanto outros obrigam o noviço a passar por situações inimagináveis. Sem dúvida, está na iniciação o elemento de coesão do grupo, pois todos os que se submeteram aos rituais sabem o quanto é necessário de vontade e de crença para conseguir penetrar na nova vida, a vida do axé.

Tudo é novo, do nome do noviço aos novos hábitos e predileções. Isto é

refletido e mantido na sua vida cotidiana, na sua casa, no seu trabalho, nos momentos de lazer.

### 2.1 Iniciação: Um caminho sem volta

Conhecidos os deuses tutelares revelados pelo estado de santo e confirmado pelo jogo de búzios, e já de posse das contas lavadas, a “*abiã*” se submete ao segundo momento da sua entrada no axé. Este momento consiste no oferecimento de comida a sua cabeça, em cerimônia chamada “*bori*”. Tudo é preparado rigorosamente dentro do cardápio do orixá, estando presentes alimentos cozidos, fritos e crus. Tudo tangerá a cabeça da *abiã* e o sangue de alguns animais imolados (sacrificados) são derramados iniciando-se a definitiva aliança de sujeições, compromissos e comportamentos ditados pelos princípios da nação de candomblé.

É pela cabeça que o orixá tem acesso ao corpo do iniciado, ou seja, a deidade faz morada naquele ser humano.



Fig. 01 - O primeiro sinal de passagem da *abiã* é a raspagem concentradamente na cabeça.  
Fonte: MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. O nascimento da Cultura Afro-Americana: uma perspectiva antropológica, 2003 (Elaborado pelos autores).

Tudo acontece com o(a) iniciado(a) em estado de santo, sendo que, na realidade, quem recebe todos os oferecimentos não é a pessoa, mas sim o orixá. A iniciação começada segue-se uma rotina que somente acrescentará ao noviço elementos que culminarão com a cerimônia chamada Saída de Iaô, Dia do “*Oruncó*” (nome do Santo).

O dia da noviça começa de madrugada, com os banhos do abo. Ela recebe alimentação especial e, no período da tarde, passa por um aprendizado de

danças e posturas rituais que deverá cumprir. Um desses rituais é incluir o “*adoxu*” sobre sua cabeça. O “*adoxu*” é posto no topo da cabeça, sendo ainda acrescido de uma pena de galinha d’angola. Ele sacraliza a cabeça, anunciando que aquela cabeça é então intocável. O orixá já está morando nela (LODY, 1987, p. 30).

O Orixá recém-feito demonstra suas qualidades, dançando suas músicas especiais. Em seguida é recolhido para passar os dias complementares da feitura em retiro espiritual.

Oliveira (2003) reitera quanto aos diferentes processos iniciáticos existem os que: Incorporaram, com algumas alterações, o recolhimento do filho de santo por vinte e um (21) dias, raspando-lhe a cabeça, abrindo-lhes incisões, despejando o sangue do sacrifício diretamente em cima do “ori” (centro da cabeça do médium), utilizando animais de quatro patas (quadrúpedes).

Outros, no entanto realizam apenas o “tabocã de ori”, pequenas retiradas do cabelo do médium e cortes rituais (abertura de cura) feitos em lugares específicos como centro da cabeça, na língua, recolhem-se por tempo reduzido, não se sacrificam animais quadrúpedes e misturam o sangue dos bípedes (galinha de angola) ao “remédio” feito com as ervas específicas da entidade que vai ser colocado no ori do “iaô” (iniciante).



Fig 02: O Ritual “*Adoxu*”

Fonte: LODY, Raul. Candomblé: Religião e Resistência Cultural, 1987 (Elaborado pelos autores).

### 3. DISTRIBUIÇÃO E CONTROLE DO PODER SÓCIO-RELIGIOSO

O Candomblé, enquanto elaborado sistema de poder, assume um valor articulador com a sociedade complexa, e, ao mesmo tempo, suas hierarquias só serão

realmente fortalecidas se o controle for eficaz no âmbito econômico.

Compreende todo um conjunto de festas que se estendam por vários dias de comemorações públicas, distribuindo-se entre os presentes, ao concluir-se o toque, muita comida, procedente dos animais sacrificados nos rituais privados. As roupas são quase sempre novas, exigindo muitos materiais complementares em metais, palha-da-costa, búzios, e contas, entre outros adereços (LIMA, 1999, p. 17).

Os “*ogãs*” que executam a música instrumental recebem sempre algum dinheiro; há ainda outros gastos com manutenção das casas, incluindo pintura, reparos na arquitetura e consumo de luz elétrica, com flores e mesmo a contratação de um fotógrafo para registrar as “nuanças do ritual”.

Respeitando as diferenças contextuais, assemelham-se ao que descreve Lody (1987, p. 34): As mulheres tradicionalmente conseguem dinheiro com a venda de alimentos nas bancas ou quitandas de rua, oferecendo, nos seus tabuleiros, quitutes básicos à base de azeite-de-dendê, tais como o acarajé e o abará, além de doces feitos de milho, como o lelê. Ainda incidem, em grande número, as costureiras, bordadeiras e empregadas domésticas.

Os homens ou são artesãos diversos, como pedreiros e marceneiros, ou são barbeiros e vendedores em feiras e mercados, ou ainda ocupam categorias diferenciadas, como estivadores do cais do porto, profissão esta que no século XIX permitia o acesso dos produtos vindo da África para o Brasil.

### 3.1 Papéis feminino e masculino no ritual religioso

Por ser o candomblé um elaborado conjunto de serviços que vão da construção artesanal de objetos ritual-religiosos até a execução de música instrumental com o trio de atabaques, agogôs e cabaças ou afoxés, necessita de rígida divisão de tarefas, que cumpridas no cotidiano dos terreiros ou nos momentos de maior concentração.

Transgredir as determinações que impõem os limites de ser homem e do ser mulher nos postos de mando e hierarquia de cargos é romper a unidade religiosa com conseqüências inclusive sobre o axé, ponto intocável e fonte geradora de toda engrenagem da temporalidade e das intervenções dos deuses no poder dos homens (PARÉS, p. 37, 2006).

Não há, em princípio, uma dominação masculina ou feminina evidente. Os trabalhos são parcialmente equilibrados nas tarefas prescritas para homens e

mulheres. Embora o candomblé muitas das vezes reproduza situações falocêntricas, estas são atenuadas pela existência de cargos em que as mulheres são insubstituíveis.

Em muitas culturas no mundo o poder religioso é atribuído ao masculino, no entanto, nas comunidades religiosas afro-brasileiras ocorreu uma ruptura dessa hegemonia. Desastre, para compreender então esta inversão é preciso buscar o papel histórico da liderança que as mulheres negras exerciam como negociantes nas feiras iorubanas, ocupando a posição de grandes mercadoras. Estas feiras se apresentavam como um “*locus*” destacado de uma variedade de trocas envolvendo bens materiais que vão além da barganha (BOURDIEU, 1974, p. 25). Nestes espaços aconteciam permutas dos mais diferentes símbolos religiosos ou não: Notícias, modas, receitas, músicas, danças que promoviam um estreitamento das relações sociais, bem como a formação de importantes alianças.

Estabeleciam-se assim laços afetivos, pois ali também ocorriam os namoros e acertavam-se os casamentos. A dinâmica da mulher iorubana ia além do exercício de atividades econômicas, ocupando uma posição de mediadora, não só das trocas de bens materiais, mas também as de domínios simbólicos. Este lugar social ocupado por elas permitiu o aprendizado do exercício do poder para além da vida africana (FERRETTI, 2013, p. 19).

Ao longo de sua história, o candomblé foi atribuindo à mulher um papel notável de comando, o que se perpetuou ao longo das gerações. Coube ao matriarcado à responsabilidade da transmissão da tradição da prática religiosa, alcançando autoridade e respeito entre os adeptos, mesmo estando inseridas em uma sociedade opressora e misógina (BIRMAN, 1995). Em seu livro “A Cidade das Mulheres”, lançado em 1947, a antropóloga Ruth Landes mostrou o proeminente papel matriarcal (lideranças femininas do povo de santo) exercido nos terreiros de candomblé localizados na cidade de Salvador (BA) (LANDES, 1967, p. 27).

Porém, cada tarefa no candomblé, independentemente da nação é alvo de um aprendizado sistemático, orientado por pessoas mais velhas, experientes e altamente conhecedoras do ritual. Assim, a iniciação religiosa integra-se ao aprendizado especializando-se para cada função que o iniciado receberá após a passagem da vida comum para o axé, visto aí novamente como o elo insubstituível dos deuses com os

homens em tudo aquilo que ele ocupa faz ou conhece dentro e fora do terreiro.

### 3.2 Educação

O que norteia a educação no candomblé é o princípio da hierarquia e da disciplina. O que é a hierarquia senão o respeito aos mais velhos (princípio da ancianidade), princípio este salutar na educação familiar na contemporaneidade.

O candomblé com o que ele chama de hierarquia, de educação, de princípio, da convicção de que a sabedoria está no mais velho e de que, conseqüentemente, a ele se deve dedicar todo o respeito.

Destarte, o candomblé também trata diretamente em ensinar o cuidado com o corpo e com o espírito, ensinar o respeito aos mais velhos pelos jovens, entre outros.



Fig 03: Educando os mais novos.

Fonte: OLIVEIRA, Rafael Soares (Org). Candomblé: Diálogos fraternos contra a intolerância religiosa, 2003 (Elaborado pelos autores).

Preocupa-se também com os filhos: A educação, em um sentido mais amplo, é o alargamento dos horizontes das informações transmitidas aos filhos, aos irmãos, para trabalhar a conquista de direitos na sociedade.

A educação, em se tratando do candomblé, é uma disciplina, uma doutrina a partir do momento em que entra no axé para se aprofundar nos princípios, quando então o jovem recebe a educação, aprende a rezar, a tomar benção aos mais velhos, a respeitar o próximo não só ali no axé, como em qualquer lugar (OLIVEIRA. 2003. p. 48)

A educação é o princípio, o respeito ao próximo em toda a circunstância. A expressão de educação está no respeito à individualidade do outro, na conciliação entre o livre-arbítrio e a convivência com os diferentes sem que se pretenda um tomar o espaço do outro.

#### **4. APODERAMENTO DAS FORÇAS DA NATUREZA**

A transmissão dos conhecimentos é oral e acompanhada da prática, vivenciando-se todas as etapas de cada atividade. Cozinhar, por exemplo, é tarefa feminina, e o candomblé, sem seus alimentos, não pode funcionar.

Assim o axé é revigorado, e todos os homens e mulheres que o compartilham também estão nutridos, mas em outra dimensão.

É tarefa exclusiva dos homens a música instrumental, sendo que o vocal poderá ser dividido com as mulheres, no entanto isso pode variar de nação para nação. Como o candomblé foi trazido da África por negros, estes negros vieram de países diferentes trazendo apenas suas culturas e tradições.

Uma nação de candomblé identifica-se pela maneira como realiza seus rituais, pela língua do ritual, pelo conjunto de mitos nos quais baseia seus ritos, pela maneira como toca seus tambores. Por exemplo, O candomblé que se autodenomina de “Nação Ketu”, é o candomblé descendente dos cultos religiosos da região Sudanesas, de cultura yorubana.

Neste culto, os Deuses são chamados de Orixás e representam forças da natureza como o ar, o vento, o fogo e outros através da hierofania. Existem três tipos de nações: A Ketu o qual já mencionamos anteriormente, a nação Angola e a nação Jeje.

O longo caminho de cada aprendizado pode levar uma vida inteira, tantos são os detalhes, sutilezas e informações que só transmitem após o cumprimento de novas obrigações religiosas, quando as pessoas passam a ganhar confiança, intimidade e, por conseguinte, conhecimento da religião.

Outro encargo fundamental, no entanto, ainda está na mão dos homens, por exemplo, o de “*Olossãe*”, sacerdote que conhece as folhas indispensáveis para o uso

litúrgico e para o uso medicinal. Ou ainda, o cargo de “*Oxogum*”, responsável pelo sacrifício de animais.

Uma tarefa também muito particular é a da “*Yá efum*”, mulher encarregada das pinturas corporais nas iniciações religiosas. Ela deve saber todos os detalhes, como cores e desenhos, para identificar visualmente o noviço e seu Deus Tutelar sendo sua importância fundamental nos ritos de iniciação.

## 5. SINCRETISMO RELIGIOSO EM TERRAS AMAZÔNICAS

O Deus Africano está imediatamente relacionado a um Santo Católico, e em tal extensão e profundidade que as categorias denominadas como: Orixás, vodum, inquice e caboclo são indistintamente chamados de “*Santos*”.

Missas católicas são rezadas a pedido dos filhos e mães-de-santo. Na maioria dos casos, a missa católica é indispensável a um ciclo de festas, como na conclusão do período de iniciação de uma “*Yaô*”, no fim de obrigações fúnebres e na comemoração de dias de santos que têm vínculos históricos com os terreiros.

Inicialmente, parece uma duplicação da fé, porém o que ocorre é uma soma. Muitos adeptos dos candomblés reconhecem nitidamente os limites entre o Santo Católico e o Deus africano. Alguns fundem estas duas categorias; outros privilegiam a primeira em detrimento da segunda; outros, ainda, em menos número, não aceitam a presença de imagens católicas ou de qualquer outro símbolo que remeta a religião católica ou mesmo a outros símbolos cristãos.



Fig 04: Sincretismo Religioso.

Fonte: VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás, 1981 (Elaborado pelos autores).

Porém, no candomblé a pessoa é formada de maneira contínua, ao longo do tempo e está, portanto, sempre se fazendo, sendo construída. Cada novo elemento que surge, ou seja, cada novo enredo acopla-se aos demais, formando uma totalidade momentânea. Cada enredo é a um tempo todo (por ser completo em si) e parte (pois cada um é sempre parte de um enredo maior, que por sua vez nunca se completa).

Este poder no Candomblé através do sincretismo amazônico se revela no entendimento do termo “*Ter Enredo*” que, entretanto equivale até certo ponto a ser um pouco a coisa, a entidade ou a pessoa com quem cada um se relaciona. Uma pessoa que tem enredo com Oxum é em parte Oxum, ou uma parte de Oxum; Uma Oxum que tenha enredo com Oxóssi é em parte Oxóssi, e assim por diante. Ter enredo é, portanto, carregar consigo um pouco do outro (FERRETI, 2013, p. 35).

Destarte, o termo “enredo” também pode ser usado no sentido de um emaranhamento, de como o candomblé funciona por vezes como uma teia em que a pessoa se enreda e não consegue mais se soltar. Aproximar-se desta religião é, muitas vezes, enredar-se. Neste sentido, poderíamos pensar o candomblé como uma espécie de “máquina de captura”, com os terreiros exercendo uma força centrípeta destinada à captura do axé.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos ressaltando que o conhecimento de uma religião pode levar uma vida inteira, tanto são os detalhes, sutilezas e informações que só se transmitem após o aprendizado de suas doutrinas e obrigações religiosas e quando as pessoas passam a ter o real conhecimento religioso o qual professam.

Temos que saber uma coisa muito importante para que possamos ser pessoas que respeitem a religião do outro. Saber que todas as religiões são importantes e que todas elas têm um significado para seus adeptos.

Aqui no Brasil apesar de ser um país católico ele também apresenta uma grande diversificação de religiões e que uma boa parte delas são dos afrodescendentes e como bem sabemos ainda encontramos pessoas que veem tais religiões como demoníacas e o que para seus seguidores não corresponde com a verdade. Pois, se você for para a África verá inúmeras oferendas aos santos nas

esquinas das ruas assim como você vê no Brasil, a diferença é que estas oferendas para os candomblecistas não têm nada haver com o demônio, mas sim, são oferecidas aos Orixás.

Muitas coisas nesta vida só nos prejudicam porque não conhecemos, pois a partir do dia que as pessoas conhecerem a essência do candomblé muitos tabus serão quebrados.

## **REFERÊNCIAS:**

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo (SP): Pioneira, 1985.
- BIRMAN, Patricia. **Fazer estilo criando gêneros: Possessão e diferença de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. 1ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Relume Dumará (EdUERJ), 1995. 204 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo (SP): Ed. Perspectiva, 1974.
- FERRETTI, Sergio. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo (SP): EDUSP: Arché Editora, 2013.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo (SP): Global Editora, 2003.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. 1ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1967. 316 p.
- LIMA, Vivaldo Costa. **As dietas africanas no sistema alimentar brasileiro**. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jefferson. **Faces da tradição afro-brasileira: Religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro (RJ): Pallas Editora, 1999. p. 319 –326.
- LODY, Raul. **Candomblé: Religião e Resistência Cultural**. São Paulo (SP): Ática, 1987.
- LUCA, Taissa Tavernard. **Devaneios da memória**. A história dos cultos afro-brasileiros em Belém do Pará na versão do povo-de-santo. Monografia de Conclusão de Curso de História. Belém (PA): UFPA, 1999.
- LUCA, Taíssa Tavernard. **Revisitando o tambor das flores**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife (PE): UFPE, 2002.
- MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O Nascimento da Cultura Afro-Americana: Uma Perspectiva Antropológica**. Rio de Janeiro (RJ): Pallas Editora, 2003.

OLIVEIRA, Rafael Soares (Org). **Candomblé**: Diálogos fraternos contra a intolerância religiosa. Rio de Janeiro (RJ): DP&A, 2003.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé**: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2006

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**: Colônia. São Paulo (SP): Editora Brasiliense, 2006.

SANTOS, Denilson Marques dos; COSTA, Maria Cecilia F. da; MORAES, Erika Meireles de; BRITO, Ana de Fátima; SILVA, Alan Ceber C. da. Uma análise da garantia dos direitos de crianças e adolescentes no município de Belém-PA. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**/ISSN 2525-8508, Vol. 4, nº 1, pp. 1-22. América do Norte (USA), 2018.

SANTOS, Denilson Marques dos; COSTA, Maria Cecilia F. da.; SANTOS, Denise M. dos. Utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino da língua inglesa e seus desafios na formação docente. **Revista Práxis Educacional**, [UESB], v. 16, n. 41, p. 787-801, Edição Especial, set. 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i41.6483.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador (BA): Editora Corrupio, 1981.

VERGOLINO E SILVA, Anaíza. **O tambor das flores**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Campinas (SP): UNICAMP, 1976.